



## DA ONTO-TEO-LOGIA À ÉTICA DA ALTERIDADE: A ABERTURA AO OUTRO COMO CONDIÇÃO PARA PENSAR DEUS EM LEVINAS

Daniel Soares das Chagas\*

Jean Rodrigo Pinheiro\*\*

Marcos Alexandre Alves\*\*\*

**Resumo:** O artigo propõe-se a investigar filosoficamente como a questão de Deus irrompe na obra levinasiana. O pensamento filosófico do autor presente neste artigo apresenta aquilo que podemos chamar de período da maturidade intelectual de Levinas, entre eles destacam-se: “Deus, a Morte e o Tempo” (1975/76) e a “De Deus que Vem a Ideia” (1986), textos bases para a elaboração da proposta reflexiva sobre Deus e a ética da alteridade, tema deste artigo. Enfim, a intenção é a de apresentar a concepção levinasiana de Deus, como uma expressão significativa fora da onto-teo-logia do discurso filosófico tradicional. A Ideia do Infinito é apresentada por Levinas como acontecimento de abertura para com o Outro que assegura a transcendência, ou seja, como uma possibilidade de pensar Deus sem a contaminação ontológica, mas como diacronia desinteressada e fora da adequação da consciência intencional.

**Palavras-chave:** Deus. Infinito. Ética. Outro.

### Introdução

Levinas Emmanuel Lévinas (Kaunas, 30 de novembro de 1906 — Paris, 25 de dezembro de 1995) foi um filósofo francês nascido numa família judaica na Lituânia. O pensamento de Levinas parte da ideia de que a Ética, e não a Ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face, encontro entre os rostos que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o eu do sujeito se percebe responsável e lhe vem à ideia o Infinito.

Levinas foi um exímio conhecedor da tradição bíblica e leitor do Talmude, e procurou formular uma síntese entre as duas tradições almejando superar o velho conflito entre fé e razão a partir de uma teoria ética. Além disso, apresentou-se como um profundo crítico das

---

\* Acadêmico do 6º semestre do Curso de Filosofia - FAPAS. E-mail: [daniel-chagas\\_72@hotmail.com](mailto:daniel-chagas_72@hotmail.com)

\*\* Acadêmico do 6º semestre do Curso de Filosofia - FAPAS. E-mail: [jean.rodriigo.p@hotmail.com](mailto:jean.rodriigo.p@hotmail.com)

\*\*\* Professor do Curso de Filosofia - FAPAS e da UNIFRA. E-mail: [maralexalves@gmail.com](mailto:maralexalves@gmail.com)

formas teóricas teológicas e filosóficas e das práticas religiosas que não expressam a altura de Deus e a dignidade do Homem.

## 1 A vontade humana de dizer Deus

A história do pensamento ocidental, desde seus primórdios na Grécia Antiga, passando pela era medieval, moderna até os tempos atuais, é permeada pela tentativa de o homem dizer, conhecer, falar sobre Deus<sup>1</sup>. A questão de Deus, que se mantém presente, relevante mesmo no atual contexto, por alguns chamados de pós-metafísico, ou tempos de sociedade líquida, niilista no qual estamos vivendo. A busca pelo significado derradeiro da existência humana justapõe a questão do homem à questão de Deus, é/foi por muito tempo tratada como o Ideal a ser buscado, foi dito ser Deus o ideal que preenche o vazio do ser humano, a resposta para um ser em busca de sentido, ou, nas palavras de Saint Exupéry<sup>2</sup> “o Absoluto por quem buscam os nômades” sendo, esses nômades, nós humanos.

O homem é cercado pelo infinito, se vê como finitude frente à imensidão, é finito em relação a natureza, o universo. Os imperscrutáveis caminhos a própria consciência, as possibilidades de realização de sentido da vida, é finito pelo Tempo, e, se vê de forma finita em relação ao Outro (aquele ser humano por quem se é interpelado na existência). O infinito adquire, dessa forma, um status imperativo.

## 2 O discurso sobre Deus

Mas, como articular o discurso sobre Deus na atual conjuntura, caracterizada por uma visão materialista e imediatista da existência humana? A abordagem levinasiana parte do princípio não da ontologia tradicional que postula primeiro um ente superior, e depois o homem e o mundo. Assim, o discurso sobre Deus emerge de uma necessidade ética, (o acolhimento ao Outro que sofre), como uma resposta a sede de Infinito presente no homem, assim diz Levinas em Totalidade e Infinito:

Voltando à noção cartesiana do infinito — ‘à ideia do infinito’ colocada no ser separado pelo infinito — retém-se a sua positividade, a sua anterioridade

---

<sup>1</sup> Deus. Aqui refere-se a Deus como sendo este indubitavelmente como um ser existente, portanto o substantivo é escrito em maiúsculo por referir-se a um nome próprio.

<sup>2</sup> Antoine-Jean-Baptiste-Marie-Roger Foscolombe de Saint-Exupéry, escritor, ilustrador e piloto francês. Nascido no dia 29 de junho de 1900, Lyon, França e Falecido dia 31 de julho de 1944, Marselha, França.

relativamente a todo o pensamento finito e a todo o pensamento do finito, a sua exterioridade em relação ao finito. Foi a possibilidade do ser separado. A ideia do infinito, o transbordamento do pensamento finito pelo seu conteúdo, efetua a relação do pensamento com o que ultrapassa a sua capacidade, com o que a todo o momento ele apreende sem ser chocado. Eis a situação que denominamos acolhimento do rosto. A ideia do infinito produz-se na oposição do discurso, na socialidade. A relação com o rosto, com o outro absolutamente outro que eu não poderia conter, com o outro, nesse sentido, infinito, é no entanto a minha ideia, um comércio. Mas a relação mantém-se sem violência — na paz com essa alteridade absoluta. A ‘resistência’ do Outro não faz violência, não age negativamente, tem uma estrutura positiva: ética. A primeira revelação do outro, suposta em todas as outras relações com ele, não consiste em apanhá-lo na sua resistência negativa e em cercá-lo pela manha. Não luto com um deus sem rosto, mas respondo à sua expressão, à sua revelação (LEVINAS p.176).

Como se vê, inverte-se a relação epistemológica de conhecimento da realidade, põe-se o homem como sendo um ser sedento pelo infinito, mas, que para chegar ao infinito absoluto (Deus) antes, precisa despertar o agir ético, a consciência moral de que não está num estado que permita o solipsismo, por ter a sua frente o “*visage*”, ou seja o rosto do outro que vê e interpela. Na filosofia de Levinas, o homem postula o Infinito, ao ver o outro e não poder totalizá-lo, isto é, compreender e significar a existência de outrem, mas a existência de outrem lhe garante significado, assim, a relação ética sentida na pedagogia da alteridade faz o homem postular a ideia de Deus, pois “Deus vem à ideia” do homem pela relação ética.

Assim, Deus é pelo que se espera e se percebe no outro, conforme diz Levinas, em de Deus que vem a Ideia: "A virada dessa espera de Deus em proximidade de outrem, em minha responsabilidade de refém; virada deste temor, tão avesso ao terror diante do Sagrado quanto a angústia do nada, em temor pelo próximo (LEVINAS, 2002. p. 82)".

Note-se que então, é estabelecida uma virada epistemológica e gradual (por trata-se de grau de importância) da abordagem filosófica, agora é a ética, e não mais a ontologia que se ocupa da questão de Deus, e, de perceber Deus no homem, no outro, ou, como reza a inspiração semítica: no órfão, viúva e estrangeiro.

O nome de Deus, para Levinas aparece sob a nomenclatura de Infinito, pois, coloca o homem frente à própria finitude em frente à infinidade que é Deus. Revela a diferença entre Deus e o homem. Deus, ou, o Infinito, é tudo aquilo que eu não sou e não poderei ser, por ser limitado, assim, anseio pelo Infinito que se revela a mim em uma relação ética com o Outro que se manifesta e me faz contemplá-lo como infinito. Na infinidade do Outro encontro a infinidade de Deus.

Ou seja, assim como o rosto do outro me revela um infinito, Deus é a fonte de infinidade, descubro Deus no rosto do Outro, que guarda a infinidade:

Se Deus é Infinito é Dele que vem a ideia de transcendência, de alteridade, de bem. A sua infinitude, não se revela como indiferença, e se Deus está no rosto do outro, logo a sua diferença não deve ser indiferente a mim. Pensar o Infinito antes do finito parece ser uma atitude de passividade para Lévinas. Sua proposta é romper com essa ideia a fim de alcançar uma consciência significativa do Infinito e não a ideia de negação (PRADO, 2013, p. 03).

### 3 A presença de Deus no outro

Nas passagens do Torá, encontra-se um sem fim de referências ao que na filosofia levinasiana é nomeado o “Outro”, as mais comuns são: a criança, o imigrante, a viúva, os órfãos, ou seja, o que Levinas propõem é um resgate do caráter de responsabilidade de uns para com os outros e consigo mesmo, que estaria segundo a ótica de Levinas, entrando num processo de esfacelamento, ou, já teria que esfacelado, dada as consequências por presenciar e trazer ao mundo após duas guerras mundiais.

Deus para Levinas participa e se põem ao lado do sofredor, emerge na face daquele que sofre e clama responsabilidade por outrem, é Deus quem ampara a viúva, o estrangeiro e o órfão, estes, aqui citados como primícias de todos sofredores que hoje na contemporaneidade também clamam por acolhimento e integração social, Deus está na face de quem sofre. Deus é o recurso supremo a que se recorrer:

Deus que vela sua face não é, pensamos, uma abstração de teólogo nem uma imagem de poeta. É a hora em que o indivíduo justo não encontra nenhum recurso exterior, em que nenhuma instituição o protege, em que a consolação da presença divina no sentimento religioso infantil se nega também, em que o indivíduo apenas pode triunfar em sua consciência, ou seja, necessariamente no sofrimento. Sentido especificamente judeu do sofrimento que não toma em nenhum momento o valor de uma expiação mística pelos pecados do mundo. A posição de vítimas em um mundo em desordem, ou seja, em um mundo onde o bem não chega a triunfar, é sofrimento. Ele [o sofrimento] revela um Deus que, renunciando a toda manifestação solícita, convoca à plena maturidade do homem responsável integralmente (LEVINAS, 1994. p. 201).

Levinas está a desenvolver sua filosofia num período em que ainda vive os horrores e posteriormente as sombras deixadas pela II Guerra Mundial, onde o mundo assiste e ao mesmo tempo produz, mesmo que horrorizado, o cúmulo e o ápice da barbárie humana em pleno século XX, época que a humanidade se julgava no topo da sua capacidade de pensamento e desenvolvimento científico.

Segundo o pensar de Levinas, o conhecimento científico, a racionalidade que não se abre para a relação ética, em que a ética seja pensada a partir do acolhimento ao outro, da responsabilidade para com a alteridade, uma ética de afeto e sentimento, está destinada a

produzir no homem o egoísmo e o pensamento totalizador que destrói a vida humana, por não a respeitar em sua singularidade. Não se pode respeitar a vida sem ver no outro um ser singular com o qual eu compartilho humanidade. Segundo Denardi esse encontro:

[...] não se estabelece entre iguais, mas entre desiguais. Para tanto, é preciso que seja preservado a alteridade e a dignidade de ambas as partes: condição necessária para se estabelecer uma relação. A consciência no ser é despertada pela manifestação do Olhar do outro, questionando e interpelando, algo que transcende a obrigação de interioridade; é convencer sem querer convencer; é pura manifestação original do ser outro, “única forma de romper a totalização ontológica, ou seja, a solidão dolorosa do ser. Quando o código Alteridade, não é preservado, quando se tenta tirar do outro aquilo que lhe é mais caro, dissecando-o até o seu substrato ontológico, esse fica fragilizado de tal forma que se sente aniquilado, acabado, um nada de ser. É a violência na indiferença de ser um nada (DENARDI, 2007. p. 20).

E, é nessa perspectiva de acolhimento e sensibilidade ética que o discurso de Deus emerge na face e na consciência do existente humano. Se com Heidegger tem-se uma ontologia, que está preocupada em resgatar o sentido do *Dasein* (*ser-no-mundo*), em Levinas, este ser só existe se se perceber como para-o-Outro, ou seja; além do eu, o vazio ético deixado por Heidegger, é retomado e preenchido pela consciência responsável e fraternal, que lembra o humanismo do outro homem (Deus), no encontro com o outro.

#### 4 A diferença na abordagem da questão de Deus

Mas, como o discurso sobre Deus poderá ocorrer fora da onto-teo-logia tradicional na filosofia Levinasiana? Isso ocorre porque a ética é filosofia primeira. O encontro com o próximo (outro) é o que põe o *eu* diante do encontro com Deus.

A ontologia, ou, ciência primeira, que antes investigava e postulava Deus, o fazia fora do horizonte da ética, via inteligibilidade teórica, e não se preocupa em acolher a manifestação de Deus, mas sim em nomear e entendê-lo:

O pensamento de Lévinas, que encontra-se entre os que formulam um pensamento sobre Deus dentro da fenomenologia, é um pensamento que encontra na relação com o Outro a imagem de Deus e não o que seja Deus. Lévinas parece não se preocupar tanto com a nomeação do “ser transcendente ou Deus” também chamado por ele de Infinito, mas sim na ação desse “ser” entre a criação. Uma nova proposta de pensar a diferença ontológica sem a ontologia; uma proposta complexa para os que se firmam no pensamento ocidental (PRADO, 2013. p. 01).

Em nossa reflexão, buscamos analisar as perspectivas da linguagem em relação à abordagem de Deus. Verificamos a impossibilidade da utilização de uma linguagem

determinativa, com pretensões de definições últimas, no discurso sobre o Absoluto, visto que a experiência de Deus suscita múltiplas representações, dentre as quais, talvez a mais significativa seja a de um Deus que foge a tentativa de compreensão por parte do homem, mas, ao mesmo tempo quer ser encontrado, e, força esse encontro na relação ética, o homem que busca Deus, na filosofia de Levinas, deve deixar que Deus se revele na face do outro:

O deus para o qual estamos abertos é um ‘Deus invisível que nenhuma relação poderia incluir porque Ele não é termo em nenhuma relação’, um ser que ama o estranho por meio da face da outra pessoa e de sua expressão de comando. Deus é o objeto do pensamento, da tematização e da adoração. Um deus assim é descrito quase como fugitivo que o eu procura, mas sempre evita ser capturado (HUTCHENS, 2007, p.163).

Levinas coloca em questão toda e qualquer filosofia ou teologia que em sua busca por Deus, ou o sentido do homem, não olha primeiro para a ética, Para Levinas, somos seres relacionais, e, ainda, talvez tenha sido o esquecimento da realidade relacional e ética do ser humano a razão pela qual a convivência do homem com os seus semelhantes tenha se tornado tão pesada e destrutiva.

### **Considerações finais**

É notável a contribuição e semelhança da filosofia de Levinas com o discurso religioso bíblico presente na ética do acolhimento. Encontrar Deus na relação com o Outro não é reduzi-lo ao *cogito* totalizador do eu e deixa-lo existir. Portanto, o que o homem precisa, em tempos pós-metafísicos, ou pós-modernos, pós-realidade sólida, tempos de niilismo, é permitir que a ética dê um norte às relações humanas, visando um aceitar, acolher e responsabilizar-se pelo Outro que está à frente (frágil e sofredor).

Diante disso, encontra-se na filosofia traçada por Levinas, que não tem pressa ou compromisso em nomear o Infinito, mas aborda seu significado e presença a partir do jogo ético. Tal pensamento pode ser esperançoso para responder as inquietações do homem contemporâneo.

## Referências

LEVINAS, Emanuel. **Deus, morte e tempo**. Portugal: Edições 70, 2013.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito**. Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. **De Deus que vem à ideia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER M. **Ser e tempo**, parte I. Petrópolis: Vozes, 1995.

DENARDI. M.R. **O Outro Crucificado e o olhar do outro**: um estudo comparativo entre Jon Sobrino e Emmanuel Lévinas. PUC, 2007.

HUTCHENS, B.C. Deus e ateísmo. In: **Compreender Lévinas**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 155-176.

PRADO. P.S. O discurso sobre Deus em Lévinas. **Perspectiva teológica ou filosófica?** Minas Gerais: PUC. (nome do órgão da publicação não encontrado).